

## O cultivo das letras: percorrendo os caminhos da imprensa literária maranhense (1820-1900)

*The cultivation of letters: tracing the paths of the literary press in Maranhão (1820-1900)*

*El cultivo de las letras: trazando los caminos de la prensa literaria de Maranhão (1820-1900)*

Natália Lopes de Souza <sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo realizar um panorama da imprensa literária maranhense no século XIX. Dessa forma, nos propusemos a dimensionar as especificidades da mesma e a consolidação desse campo na sociedade. Para realizar tal objetivo, nos debruçamos sobre os jornais literários impressos no Maranhão que estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital. O recorte escolhido (1820-1900) abarca desde a instalação da primeira tipografia em São Luís/MA até finais do século XIX. Esta pesquisa se situa no campo da historiografia que trata da imprensa oitocentista e busca contribuir com novas problematizações sobre a sociedade maranhense.

**Palavras-chave:** Imprensa literária. Maranhão. Século XIX.

**Abstract:** This work aims at carrying out an overview of literary press from the state of in the 19<sup>th</sup> century. This way, we proposed to measure its specificities and the consolidation of this field in society. To achieve this objective, we focused on the literary newspapers printed in Maranhão that are available for consultation in the Hemeroteca Digital. The chosen scope of this research (1820-1900) ranges from the installation of the first typography in São Luís/MA until the end of the 19<sup>th</sup> century. This research is located in the field of historiography that deals with the 19<sup>th</sup> century press and seeks to contribute with new problematizations about Maranhão society.

**Keywords:** Literary press. Maranhão. XIX century.

**Resumen:** A través de este trabajo, pretendemos realizar un panorama de la prensa literaria de Maranhão en el siglo XIX. De esta manera, nos propusimos medir sus especificidades y la consolidación de este campo en la sociedad. Para lograr este objetivo, nos enfocamos en los periódicos literarios impresos en Maranhão que están disponibles para consulta en la Hemeroteca Digital. El corte elegido (1820-1900) abarca desde la instalación de la primera tipografía en São Luís/MA hasta finales del siglo XIX. Esta investigación se ubica en el campo de la historiografía que se ocupa de la prensa del siglo XIX y busca contribuir con nuevas problematizaciones sobre la sociedad de Maranhão.

**Palabras llave:** Prensa literaria. Maranhão. Siglo XIX.

---

**Recebido em:** 15 de fev. de 2023

---

<sup>1</sup>Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [natalia.lopes@estudante.ufjf.br](mailto:natalia.lopes@estudante.ufjf.br); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0012045151317077>. <https://orcid.org/0009-0005-1174-4253>



**Aceito em:** 6 de abr. de 2023

## **Introdução**

“O fazer História é o processo pelo qual as pessoas registram, interpretam e reinterpretam o passado a fim de entregá-lo a futuras gerações” (LERNER, 2019, p. 246). Nesse sentido, abre-se uma gama de possibilidades para interpretarmos o passado, e uma dessas potencialidades se encontra na imprensa, já que, “a palavra e a imagem impressas conheceram outro lugar, ganharam força e expressão, com escritos de toda ordem que se propagaram por múltiplas experiências periódicas, produzidas por agentes sociais diversos” (LUCA; MARTINS, 2008 p. 46).

Assim, a imprensa como ferramenta da História nos permite ter acesso a uma série de vislumbres e nuances das estruturas sociais, dos costumes, do cotidiano e das relações de poder de determinada sociedade ao longo dos anos. Portanto, “sob qualquer ponto de vista que se pretenda estudar, os jornais são os melhores testemunhos da história de uma época” (SERRA, 1883, p. 15).

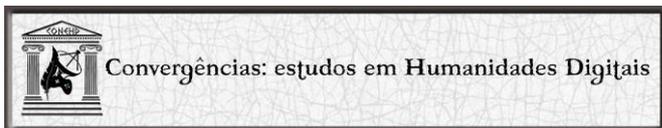
A imprensa, como campo de pesquisa, permite diversas problematizações, uma vez que viveu, desde a sua gênese, complexas relações e posicionamentos políticos. Assim, a imprensa no XIX passou por mudanças estruturais quer no conteúdo das publicações quer no posicionamento político. Portanto, se torna uma fonte interessante que nos possibilita problematizar a formação de opinião pública e a circulação de ideias que envolvem a imprensa brasileira, nos permitindo entender os atores sociais e suas relações de poder em uma dada sociedade.

Precisamente com essa imprensa politizada que surgiu em inícios do século XIX, apareceram inúmeras folhas de cunho literário. Esse crescente número pode ser explicado a partir do advento da subida de Dom Pedro II ao poder, pois, como ele valorizava a literatura e a cultura de uma forma geral, houve um incentivo no aumento das folhas que possuíam vínculos com a literatura. Tal empreendimento não se restringiu à Corte, mas circulou também nas diversas províncias, sendo contemplada com vários títulos<sup>2</sup>.

Na província do Maranhão, assim como em todo o Império, encontravam-se periódicos que veiculavam uma variedade de temas, o que incluíam aqueles com foco

---

<sup>2</sup> Podemos citar, como exemplos, segundo Luca e Martins (2008), os periódicos: *Minerva Braziliense* (1843-1845), *O Ostensor Brasiliense* (1843-1846), *Íris* (1848), *O Beija Flor* (1849). No Recife, *O Progresso* (1846-48); na Bahia, o *Ateneu* (1849) e *A Época Literária* (1849).



editorial nos artigos literários e nos folhetins<sup>3</sup>, conteúdo que se tornou crescente ao longo do século XIX. E por isso, para este trabalho, nos propusemos analisar a imprensa literária maranhense e seu impacto na sociedade oitocentista.

Assim, perceber as especificidades da imprensa no Maranhão nos permite refletirmos mais profundamente as relações sociais e o cotidiano das pessoas. Por isso, nos adentraremos nas particularidades da imprensa literária maranhense, tratando desde seu surgimento até a sua consolidação no XIX, nos propondo a entender de que forma essa ambiência propiciou o aparecimento desse determinado campo da imprensa, bem como fazer um panorama geral dos jornais que se dedicavam a tal temática na província, analisando as singularidades da mesma no contexto.

Dito isso, buscaremos contribuir com a historiografia da imprensa, sobretudo a maranhense, procurando entender e problematizar os periódicos que tinham como foco central a literatura. Com essa análise, será possível refletirmos sobre as formas e estratégias assumidas pela imprensa literária para se consolidar socialmente no Maranhão oitocentista.

### **A imprensa literária**

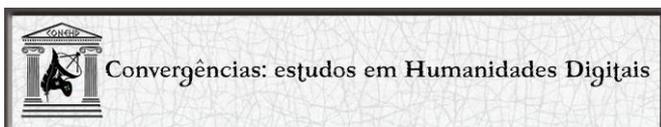
No período Oitocentista, a influência da literatura nos periódicos de todo o mundo tornou-se visível (PENA, 2008), sobretudo depois da profissionalização dos jornais, tornando a redação um setor específico. Assim, além do jornalismo político passou-se a coabitar os jornais escritos com fins pedagógicos e literários (FILHO, 2000). É nesse período que “o jornalismo literário se tornou um “fenômeno universal”, apresentando o folhetim como principal instrumento da junção entre jornalismo e literatura” (GONÇALVES, 2013, p. 1).

Em âmbito mundial foi, a partir da ampliação do mercado do livro, da difusão da escola e da alfabetização (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998) que foi possível que houvesse a união entre jornalismo e literatura, “proporcionando um jornal mais variado e informativo através de novos mecanismos e abordagens para a construção de matérias e notícias” (GONÇALVES, 2013, p. 12).

No Brasil, de acordo com Nadaf (2002), o êxito da literatura se deu por meio do fortalecimento da imprensa, já que se torna um ambiente de coexistência de vozes múltiplas, o que caracterizaria um espaço mais amplo para disseminação de variadas questões sociais e de

---

<sup>3</sup> Os romances-folhetins consistiam em capítulos de obras literárias publicadas nas páginas dos periódicos. Ver mais em: VIEIRA (2016).



variados periódicos, tanto na Corte quanto nas demais províncias do Império. Corroborando com isso, Barbosa (2007) afirma que os jornais tiveram grande importância na disseminação do gosto pela leitura e consolidação da literatura brasileira nos periódicos, uma vez que os jornais eram espaços de diálogo, e mais ainda, conseguiam suprir as necessidades intelectuais do leitor, sendo lido em qualquer lugar (PINA, 2010).

Nesse sentido, a imprensa no Brasil ocupou um lugar em que “a palavra e a imagem impressas conheceram outro lugar, ganharam força e expressão, com escritos de toda ordem que se propagaram por múltiplas experiências periódicas, produzidas por agentes sociais diversos” (LUCA; MARTINS, 2008, p. 46).

Ou seja, se configurava tanto como instrumento político, de legitimação de ideias, quanto literário, atuando em âmbito cultural. Assim, a modalidade de imprensa literária é representante de um gênero que valoriza a narrativa (CASTRO, 2010).

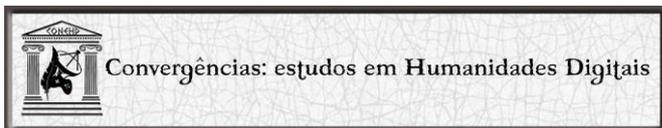
Como temos visto, o gênero da imprensa literária se espalhou por todo o Império do Brasil no século XIX. No Maranhão, de acordo com Galves (2010, p. 58), “as transformações vivenciadas pela cidade de São Luís nos primeiros anos dos oitocentos também podem ser visualizadas a partir do aumento de livros, jornais e folhetos em circulação”. Isto é, depois de seu surgimento na década de 1820, a imprensa maranhense ganhou destaque intensificando suas atividades. E isso é confirmado pela profusão de folhas noticiosas que apareceram ao longo do século XIX. Esse aumento significativo nas produções de jornais, incluindo os literários, pode ser visto abaixo:

Tabela 1 – Lista de jornais maranhenses no século XIX

Década	Nº de Periódicos	Novos periódicos literários	Total de periódicos Literários
1820 – 1829	9	0	0
1830 – 1839	18	1	1
1840 – 1849	48	3	3
1850 – 1859	40	3	3
1860 – 1869	30	7	7
1870 – 1879	25	8	8
1880 – 1889	30	4	6
18890 – 1899	31	4	6

Fonte: Elaborada pela autora.

Com exceção da década de 1820, em todas as outras décadas há a produção de jornais literários no Maranhão. Esse momento que estava carregado de tensões políticas, se utilizava da imprensa enquanto ferramenta política, sem muita abertura para outros gêneros de periódicos.



Além disso, vemos que, em relação a outras décadas, o número geral de jornais no Maranhão em 1820 era reduzido. Isso se devia ao fato de ser o início da estruturação da imprensa e das tipografias. A primeira tipografia do Maranhão foi a Tipografia Nacional Maranhense<sup>4</sup>, instalada em 1821 (JORGE, 2000), mesmo ano em que acabava a censura prévia (BRASIL, 1821). Instalada a partir dos esforços do governador da província, o marechal Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca foi a única a funcionar na localidade até 1830.

Depois dessa, de acordo com Costa (2013), existiram 19 tipografias no Maranhão entre 1848 a 1882. Essa intensa atividade tipográfica nascente “ocasionou a expansão da imprensa e gerou proliferação de novos espaços de sociabilidade” (GOMES, 2009, p. 11), o que contribuiu com a aceitação e o aumento de uma imprensa literária ao longo do século.

Outras especificidades do contexto maranhense também podem explicar a ambiência que favorecia e consolidava a imprensa literária na província. Uma dessas singularidades decorreu da efervescência cultural vivenciada pela sociedade maranhense, em que “parecia existir nela uma espécie de vivacidade intelectual que a fazia destacar-se” (ARAÚJO, 2014, p. 370).

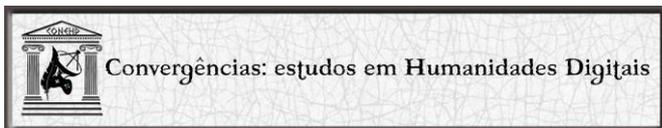
Essa expressividade vivida no Maranhão se caracterizava por meio da exaltação e do incentivo à literatura e a literatos maranhenses, como Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Joaquim Serra e outros. Esse período proporcionou à cidade de São Luís um ambiente favorável de valorização dos intelectuais, dando visibilidade a literatos maranhenses e promovendo uma atmosfera favorável para os jornais literários, possibilitando que o nome “Athenas Brasileira” fosse aplicado à cidade de São Luís<sup>5</sup>.

Segundo Martins (2009, p. 108), “um fator decisivo para a consolidação da atividade letrada foi o jornalismo literário e político que surgiu, sobretudo em São Luís”, consolidando a relação intrínseca entre os literatos e os jornais literários. Sobre isso, Arnt (2001) nos diz que o jornalismo literário foi sumariamente importante no âmbito cultural, principalmente por causa da atuação dos escritores na imprensa – homens e mulheres de letras. “Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa” (SODRÉ, 1999, p. 192). Dessa maneira, “tanto

---

<sup>4</sup> Essa tipografia foi responsável por imprimir o primeiro periódico maranhense, *O Conciliador do Maranhão* (1821-1823). Segundo Joaquim Serra, “se ocupava de assuntos próprios, dava notícias resumidas do exterior, fazia algumas transcrições e trazia anúncios de caráter oficial” (SERRA, 1883, p. 13).

<sup>5</sup> Borralho (2009) diz que a Athenas foi uma aspiração de frações de classes conforme mudava o jogo político no Brasil e no Maranhão. E que as pessoas fizeram parte desse fervor intelectual e cultural, ocuparam espaços de legitimação social, estâncias de poder e decisão, quer na estrutura administrativa da província, na imprensa e na educação formal.



a consolidação da atividade letrada no Maranhão quanto a construção do mito de Atenas Brasileira estavam diretamente associadas a este jornalismo literário e político de São Luís” (SOUZA, 2020, p. 81).

Na segunda metade do XIX, “as folhas impressas passaram a desempenhar um papel importante no desenvolvimento político e cultural da província” (MARTINS, 2009, p. 362). Nesse período, “o entretenimento também passou a ter um alto consumo na sociedade maranhense. Esta fase passou a ser de prosperidade no que diz respeito ao aumento de periódicos literários na província” (SOUZA, 2020, p. 81). É o que podemos visualizar no aumento expressivo da produção de jornais literários, sobretudo a partir da década de 1860 (Quadro 1).

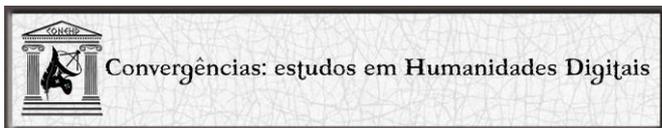
Esse aumento de jornais literários a partir da década de 1860 pode estar associada ao aumento de tipografias na província, o que facilitaria a elaboração de novas folhas. De acordo com o *Almanack do povo para 1867*, vemos que houve nesse período sete tipografias em São Luís, sendo as principais: a Tipografia do Progresso, cujo proprietário era Belarmino de Mattos<sup>6</sup>, a Tipografia de José Maria Correia de Frias e a Tipografia Comercial de Antônio Pereira Ramos d’Almeida<sup>7</sup>.

Aliada a esse aumento de tipografias, o que facilitava a produção dos jornais impressos, a literatura brasileira estava sendo diretamente influenciada pelo romantismo<sup>8</sup> e pela literatura romântica, o que estabeleceu um marco, pois apontou o início da autonomia na produção intelectual e cultural brasileira (FERREIRA, 2012, p. 11). O lugar do literato foi favorecido pelo romantismo brasileiro, o que ajudou a sedimentar as bases do mundo literário (MARTINS, 2009). Nesse sentido, enquanto valorização da literatura nacional, o romantismo

<sup>6</sup> Conhecida como gráfica Belarmino de Mattos, ela teria funcionado de 1860 a 1868. Ver mais em: SANTOS, (2016). Seu dono, Bellarmino de Mattos (1830 - 1870), começou a trabalhar aos dez anos como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Temperança. Em 1863, ele abre sua oficina tipográfica e fundou com outras pessoas a Associação Tipográfica Maranhense. (COSTA, 2013).

<sup>7</sup> As demais tipografias encontradas são: Tipografia Constitucional de Ignacio José Ferreira, Tipografia da Fé pertencente a uma associação, a tipografia pertencente a José Mathias Alves Serrão e a do Major Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá. (ALMANAK DO POVO, 1867).

<sup>8</sup> O período romântico brasileiro exaltava o nacionalismo e a liberdade política, social e filosófica, rendendo frutos na poesia, na prosa e no teatro (FERREIRA, 2012, p. 4). No Brasil surgiu a revista Niterói, que trouxe as ideias fundadoras do romantismo no Brasil. Pouco mais de três ou quatro décadas após a publicação da Niterói o romantismo brasileiro alcançou a firmação de uma literatura nacional, que adquiriu feições próprias e sedimentou o mundo literário como um lugar social cercado de enorme consideração e respeito (MARTINS, 2009).



possibilitou que muitos escritores adentrassem na imprensa literária ao publicarem suas produções.

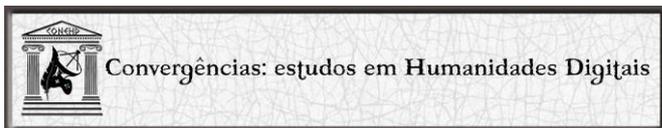
No Maranhão, além de Gonçalves Dias, a província “conheceu uma profusão incontável de versejadores, ficcionistas, articulistas e biógrafos de homens de letras e ciências” (MARTINS, 2009, p. 450) que também foram influenciados pelo romantismo. Nomes como “Odorico Mendes, Francisco Sotero dos Reis, Joaquim Serra, Gentil Homem de Almeida Braga, dentre outros, influenciaram a província como um todo, movimentando a produção local” (SOUZA, 2020, p. 76).

O grupo de literatos maranhenses pertenciam ao movimento literário vinculado ao romantismo brasileiro que atuaram entre os anos de 1832 e 1868, e ajudaram a difundir tanto o romantismo quanto instituições difusoras da cultura letrada, o que incluía os jornais literários. Ou seja, foi nesse período que o Maranhão passou a contar com uma maior variedade de periódicos em relação as décadas anteriores.

Isso evidencia que a literatura passou a ganhar cada vez mais destaque, se fazendo presente, inclusive, em periódicos diários e não só nos jornais estritamente literários. Nos jornais literários, a literatura romântica era muito valorizada, algo que se estendeu para além de meados do século XIX, como podemos ver no jornal *O Piaga* - periódico literário, comercial e noticioso (1898-1899) - em que, em sua primeira edição, foi inteiramente dedicada a fazer uma homenagem ao poeta Gonçalves Dias e ao seu texto *Os timbiras*.

Todas estas características do contexto maranhense contribuíram com o aumento da variedade das folhas noticiosas, disseminando assim, “a literatura e outras ciências, promovendo o aumento significativo do incentivo as letras na província” (SOUZA, 2020, p. 83). Sendo assim, ao fim da década de 1850, a imprensa maranhense possuía jornais que tratavam desde questões literárias até as políticas (SOUZA, 2017), tornando possível que um novo olhar fosse lançado para a imprensa além do campo político.

Ademais, o aumento de jornais endossa a hipótese de que a imprensa tinha um público consumidor cada vez mais crescente. Mesmo com a taxa alta de pobreza e analfabetismo, a imprensa era importante e presente na vida das classes mais baixas (MOREL; BARROS, 2003). Assim, o aumento de jornais que possuíam a temática da literatura como foco no Maranhão estava em consonância com o que estava acontecendo no resto do Império. E, mais ainda, contribuiu com a difusão e valorização da literatura, sobretudo, a local.



## Os periódicos através do oitocentos

Como temos visto, os jornais no XIX atuaram na legitimação de um conteúdo caro a sociedade, deste modo, ao promover uma valorização intelectual por meio da imprensa, os periódicos com temática literária acabavam, mesmo que indiretamente, espelhando as demandas da própria sociedade, uma vez que veiculavam artigos sobre temas discutidos no período como moralidade.

Os jornais ditos literários se dedicavam a tratar de questões educacionais e morais pelo meio de seus artigos. Encontramos uma estrutura de veiculação de folhetins, poesias, charadas e outros que se propunham a promoverem a instrução e valorização da literatura maranhense. Além de contar com seções que tratavam das notícias locais e do exterior, publicavam obras literárias divididas em pequenos capítulos (ARAÚJO, 2015). Ademais, possuíam páginas dedicadas a romances-folhetins, poesias e textos de diversas ciências tais como filosofia e geografia. Deste modo, essas folhas assumiam para a si a identidade de serem instrutivos e reflexivos.

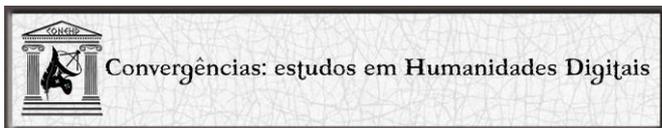
No Maranhão, a circulação de jornais literários teve início na década de 1830 com o periódico *Recreio dos Maranhenses* (1839). Enquanto folha literária marcava um pioneirismo por ser um impresso com conteúdo apenas literário. Isso se ressaltava dos demais da época pois, até então, os periódicos que possuíam artigos literários eram predominantemente políticos<sup>9</sup>.

Depois do surgimento do *Recreio dos Maranhenses* em 1839, apareceram outras folhas com conteúdo literário, como por exemplo, o *Jornal de Instrução e Recreio* (1845-1846), publicado pela Associação Literária Maranhense. Já na década de 1840, circularam também o *Museo Maranhense* (1842), *Revista Universal Maranhense* (1843-1850) e o *Archivo* (1849), ambos de cunho literário, recreativo, de instrução e científico.

A partir do quadro demonstrado no tópico anterior, verificamos que é na segunda metade de século XIX que ocorreram pluralidades de conteúdos e de vozes nos impressos, aumentando significativamente o número de periódicos que traziam a literatura como foco. Na década de 1850, a província maranhense passou a contar com mais folhas, sendo elas: *A Marmotinha* (1852-1853), jornal joco-sério, literário e recreativo; *Estrella da Tarde* (1857) e a *Estrela maranhense* (1859), jornal instrutivo, moral e recreativo.

---

<sup>9</sup> Todos os jornais analisados estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital. Anteriormente, o que se viam eram jornais políticos que continham artigos literários, como por exemplo, o periódico *Minerva* (1828-1829).



Outros jornais literários e de recreio apareceram em meados do XIX, na década de 1860 – auge da influência do romantismo – apareceram sete jornais literários. São eles: *O Jardim das Maranhenses* (1861-1862), *Porto Livre* (1862), *A Coalição* (1862-1866), *O Ramalhete* (1863-1864), *Echo da juventude* (1864-1865), *A fé* (1864-1868), jornal religioso e literário e *Semanário Maranhense* (1867-1868).

Foi na década de 1860 também que surgiram jornais voltados exclusivamente para o público feminino, como o *O Jardim das Maranhenses* (1861-1862) e o *Ramalhete* (1863-1864), ambos literários e com duração efêmera na província. Segundo Buitoni (1981), os primeiros jornais para mulheres preferiam o tema da literatura, de correspondência de editores e leitoras, de crônicas sociais e de comentários sobre espetáculos. Tal estrutura não diferia muito dos outros periódicos literários maranhenses que não eram exclusivos para o público feminino.

Na década de 1870, encontramos oito jornais literários, *O Estudante* (1870), jornal literário e crítico, o *Vinte e oito de julho* (1872-1892), *O Domingo* (1872-1883), semanário crítico e literário, *A brisa* (1872), jornal literário, crítico e recreativo, *A mocidade* (1875-1876) jornal literário, crítico e noticioso, *Revista Juvenil* (1876-1877), jornal literário, crítico e noticioso, *Jornal para todos* (1877) e *A eschola* (1878-1902), jornal crítico e literário.

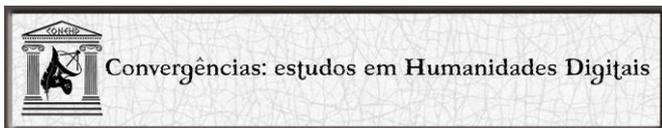
Como já mencionamos, o ápice de periódicos literários que circularam no Maranhão aconteceu nos anos 1860 e 1870, período em que a imprensa passou a ser vista mais fortemente como um instrumento de instrução. Nesse sentido, “a imprensa periódica ao lado das sociedades literárias e científica, bibliotecas, teatros, entre outros, assumiu para si a função de educar seu público através da capacidade de erigir e disseminar ideias, conceitos e valores” (GOMES, 2009, p. 13).

Corroborando com isso, a imprensa literária maranhense também utilizava desta argumentação de instruir a população, como podemos ver no trecho abaixo retirado do jornal *A Mocidade* (1875-1876):

É, pois, a instituição de um jornal essencialmente literário e instrutivo, que intentamos; mas para que se não se tornem nula a sua missão, acrescentamos que será simultaneamente crítico e noticioso relativamente ao que respeitar a instrução popular, e a literatura pelo incremento das ciências, e aperfeiçoamento das artes (A MOCIDADE, 1875, p. 1)<sup>10</sup>.

Toda essa retórica de retomada e valorização da literatura, sobretudo local, foi bastante utilizada pelos periódicos literários como forma de se promoverem na sociedade e

<sup>10</sup> Grafia atualizada.



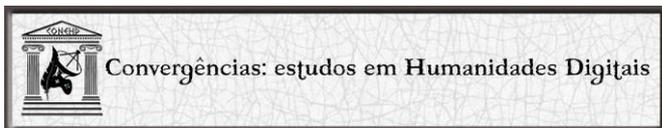
conquistarem espaço no mercado editorial. Tal narrativa vinha exposta em todo o periódico, inclusive nos nomes dos mesmos, e em sua maioria, na primeira edição tal argumentação já era posta, como podemos ver no exemplo abaixo do *Jornal de Instrução e Recreio* (1845-1846) publicado pela Associação Literária Maranhense: “Não foi certamente incessante desejo de vanglória, que nos obrigou a publicar um Jornal: o estado de inércia a que tem chegado a nossa Literatura, o desânimo geral nas artes e ciências, nos incitaram esta publicação” (JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO, 1845, p. 1).

Os jornais literários maranhenses se embasavam na discussão de que a província estava em um estado de não valorização da literatura local, assumindo para si a tarefa de resgatar a literatura e a ambiência cultural e literata vivenciada nas primeiras décadas do século XIX. Ademais, com a intensificação dos discursos educacionais e de instrução nesse período, esses periódicos assumiram para si essa tarefa de contribuir com a instrução geral da província.

Podemos citar, como exemplo, duas folhas com conteúdo literário que circularam na sociedade maranhense: *Echo da Juventude* (1864-1865) e *Semanário Maranhense* (1867-1868). Os dois, imprimidos na mesma tipografia (a Tipografia B. de Mattos), adquiriram importância no período, pois estavam embebidos nesta exaltação as letras e traziam em suas páginas textos de literatos maranhenses famosos.

O *Echo da Juventude* teve sua primeira edição em 11 de dezembro de 1864 e a última em 21 de maio de 1865. Na sua estreia, lemos: “Ousamos hoje apresentar ao público maranhense o – Echo da Juventude – que tem por fim, na defesa da verdade, percorrer órbita puramente literária. E parece-nos não ser isto fora de propósito” (ECHO DA JUVENTUDE, 1864, p. 1). O referido jornal demonstrava que suas páginas se dedicariam à literatura e a valorizá-la. Os redatores eram jovens estudantes que, com o uso de pseudônimos, expunham seus textos ilustrados. O *Echo da Juventude* custava dois mil réis por três meses, valor que não diferia de outras folhas literárias do período, como por exemplo, do *Semanário Maranhense*.

Esse também era um jornal que objetivava ser literário. Teve duração de um ano, estreou no dia 1 de setembro de 1867 e encerrou-se em 8 de setembro de 1868, circulando aos domingos. “Estão, portanto, francas as colunas do semanário aos artigos que digam respeito a literatura, artes” (SEMANÁRIO MARANHENSE, 1867, p. 1). Assim como a maioria dos



jornais literários, essa folha, que contava com oito páginas <sup>11</sup>, também mantinha a estrutura conteudista que abarcava desde poesias, romances e contos, até cursos bíblicos, textos sobre a História do Maranhão, além de cartas dos leitores e crônicas internas e externas.

Percebe-se então, que tanto o *Echo da Juventude* quanto o *Semanário Maranhense* se revestiam de uma aura que assumiam para si a função de divulgar trabalhos intelectuais para além de textos de literaturas; ademais, se propunham a instruir a população em geral trazendo textos referentes às artes, história, indústrias, contribuía com essa disseminação da instrução.

Esses dois exemplos se revestiam de uma ilustração cara aos jornais literários e à imprensa como um todo. Portanto, exemplificados pelo *Echo da Juventude* e pelo *Semanário Maranhense*, os jornais maranhenses dedicados à literatura participaram deste movimento de disseminação da intelectualidade e valorização das letras e dos literatos da província, demonstrando como era a estrutura dos periódicos literários e os conteúdos e decisões editoriais.

Mesmo que o ápice dessa produção literária tenha ocorrido nas décadas de 1860 e 1870, isso não quer dizer que, nas décadas seguintes, os jornais deixaram de existir, muito pelo contrário, continuaram a circular com um número reduzido, muito por causa da conjuntura política que se instalava no Império com as pressões entorno do fim da escravidão e, mais a frente, com a instituição da república.

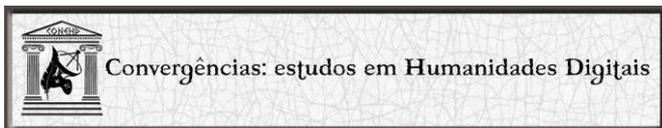
Na década de 1880, o Maranhão contou com quatro jornais literários, caindo pela metade em relação à década anterior, o que incluía *O Domingo*, que já circulava desde 1870. Os que surgiram em 1880 foram: *Echo*, periódico semanário, literário, moral, crítico e recreativo (1884-1886), *O Chrysalida* (1884)<sup>12</sup> e *O Sorriso*, periódico crítico, literário e recreativo (1885).

Em 1890, a média de novos jornais literários se manteve a mesma, quatro novos periódicos. São eles: *A ideia* (1893), que pertencia ao órgão do grêmio literário, *A alvorada* (1895), que era órgão literário, crítico e noticioso (1895), *A Semana* (1896,) folha literária, comercial e noticioso e *O Piaga* (1898-1899), periódico literário, comercial e noticioso.

---

<sup>11</sup> Sobre este jornal, ver mais em: SOUZA (2019).

<sup>12</sup> O Chrysalida: Publicação mensal – Redação de Meninas. Jornal com redação feminina na cidade de Caxias/MA. Desta listagem, é o único, No Maranhão, que possuía redação de mulheres. Na Hemeroteca Digital, só existe disponibilizado a edição de número 12 do mesmo. Ver mais em: SOUZA (2020).



Com a diminuição de jornais literários em detrimento do aumento de folhas políticas, por causa das acentuadas tensões, os periódicos maranhenses literários começaram a usar um determinado modelo narrativo, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Dando hoje publicidade ao segundo número deste jornal, cumpre-nos agradecer as pessoas, que aceitaram a sua assinatura, animando-nos assim a prosseguir em nossa empresa: é mais uma prova, que dá o ilustrado público desta capital, que não deixa perecer os que recorrem a sua valiosa proteção, com especialidade quando se trata do desenvolvimento intelectual (O SORRISO, 1885, p. 1).

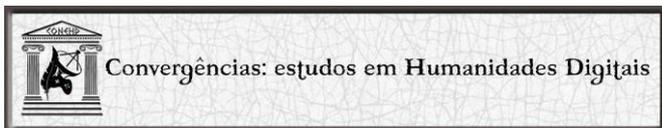
A provada necessidade de que ressentia esta cidade, de um jornal literário que conjurasse a mocidade, despertando-lhe o gosto pelo cultivo das letras, induz-nos a acreditar que podemos sem receio contar com a benévola proteção do público, e também com a indulgência e proteção dos nossos superiores (A ALVORADA, 1895, p. 1).

Nos dois trechos, com dez anos de diferença de um para o outro, podemos ver que o discurso narrativo é o mesmo. Neles, podemos notar uma insatisfação do mercado editorial de folhas literárias, uma vez que estavam cada vez mais reduzidas. Denotamos também um apelo em relação a um passado de efervescência cultural e literária do Maranhão. Ao utilizarem a retórica da proteção, transferem para o público leitor a tarefa de não deixarem findar os periódicos literários.

Esse receio dos editores dos jornais literários de terem suas páginas findadas é bem comum na imprensa maranhense do século XIX, já que a maioria dos jornais e revistas literárias e científicas tiveram duração efêmera (MARTINS, 2009). De acordo com Galves (2010), essa efemeridade pode ser explicada pelo fato de São Luís possuir uma circulação e produção de ideias que eram absorvidas por um público crescente. Todavia, a brevidade dos periódicos era uma característica da imprensa do século XIX como um todo (RODRIGUES, 2017) e não apenas do Maranhão.

Mesmo sendo efêmeros, característica que se manteve por todo o século XIX, eles foram decisivos para a consolidação do mundo literário da província. Desse modo, os jornais literários haviam sido incorporados à cultura e à vida social da província, principalmente na capital, São Luís (MARTINS, 2009).

Mediante tudo isso, aferimos que a variedade nas folhas noticiosas, bem como a intensa atividade tipográfica, propiciou o aparecimento de formas literárias por meio da imprensa, ou seja, a circulação de literatura e ciências foi uma demanda importante pois, como já vimos, havia uma efervescência cultural e literária. Para além disso, esse aumento de periódicos nos permitiu vislumbrar uma intenção de disseminar ideias sobre a literatura e



outras ciências ao promover o aumento significativo da intelectualidade na província. Assim, a imprensa literária contribuiu com a solidificação da vida cultural maranhense.

### **Considerações**

Na atualidade, a imprensa se torna fonte indispensável para entender o contexto e a mentalidade de uma sociedade em determinada época, ou seja, “a imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira” (LUCA, 2008, p. 9). E, no oitocentos, os periódicos ocupavam um lugar específico na sociedade imperial se destacando e se tornando instrumento político de legitimação de ideias, posições e costumes.

Dessa maneira, fica nítido que os impressos de um modo geral assumiram um importante papel no século XIX, incluindo o Maranhão. O jornal, enquanto suporte de informação, conseguia suprir as necessidades intelectuais do leitor, sendo lido em qualquer lugar (PINA, 2010), e se tornou uma fonte importante para pensarmos a imprensa literária maranhense e o seu contexto.

Dito isso, procuramos realizar, neste trabalho, um panorama da imprensa literária maranhense buscando entender suas influências e como ela se solidificou na província do Maranhão. Além disso, nos propusemos demonstrar as retóricas utilizadas pela imprensa literária que contribuíram para a sua aceitação, se tornando ferramenta de instrução social.

Por fim, destacamos que ao longo deste trabalho nos propusemos a investigar a imprensa literária maranhense vislumbrando, de maneira abrangente, esse mercado impresso, procurando especificidades que contribuíram para a consolidação desse campo da imprensa oitocentista. Tudo isso, utilizando os jornais como fonte de pesquisa para dimensionarmos o mercado da imprensa literária no Maranhão oitocentista.

### **Referências**

ALMANAK DO POVO. São Luiz do Maranhão: Tipografia J. M. C de Frias, 1867.

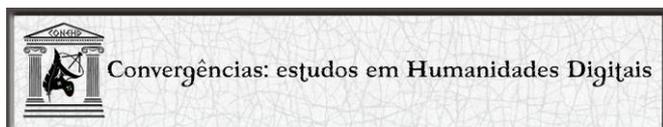
A ALVORADA. Maranhão, 1895.

A BRISA. Maranhão: Tipografia de R. de Almeida e C., 1872.

A COALIÇÃO. São Luís: Tipografia do Progresso, 1862 – 1866.

A ESCHOLA. Maranhão: Tipografia da Pacotilha, 1878 – 1902.

A ESTRELLA MARANHENSE. Maranhão: Tipografia do Observador, 1859.



A FÉ. São Luís: Tipografia B de Mattos, 1864 – 1868.

A IDEIA. Maranhão: Tipografia Republicana de A, de Faria, 1896.

A MARMOTINHA. Maranhão: Tipografia do Observador, 1852 – 1853.

A MOCIDADE. Maranhão: Tipografia do Paiz, 1875.

A REVISTA: folha política e literária. Maranhão: Tipografia imparcial Maranhense, 1843 – 1850.

A SEMANA. Maranhão: Tipografia da Gazeta Caxiense, 1896.

ARAÚJO, Johny Santana de. A Imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: Estado imperial, jornais e a divulgação da guerra do Paraguai para um público leitor. **Dimensões**, Piauí, v. 33, 2014, p. 360-383.

ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de. **Caminhos na produção da notícia**: Imprensa diária no Rio de Janeiro (1875 – 1891). 2015. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo**: o folhetim e a crônica. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas Equinocial**: a fundação de um maranhão no império brasileiro. 2009. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

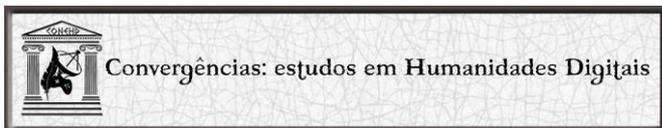
BRASIL. Decreto de 2 de março de 1821. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em:** <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm)>. **Acesso em: 17 novembro de 2019.**

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010.

COSTA, Odaleia Alves da. **O Livro do Povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1861 – 1881)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ECHO DA UVENTUDE. São Luís: Tipografia B. de Mattos, 1864 – 1865.



FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Romantismo: A formação da literatura brasileira. Revista Vozes dos Vales da UFVJM:** Publicações Acadêmicas, nº 02, 2012. Disponível em: <[http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMA%C3%87%C3%83-DA-LITERATURA-BRASILEIRA\\_j%C3%BAlio-fl%C3%A1vio.pdf](http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMA%C3%87%C3%83-DA-LITERATURA-BRASILEIRA_j%C3%BAlio-fl%C3%A1vio.pdf)>. Acesso em: Fevereiro de 2023.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e jornalismo: A Saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2000.

GALVES, Marcelo Cheche. **“AO PÚBLICO SINCERO E IMPARCIAL”:** Imprensa e Independência do Maranhão (1821-1826). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro. 2010.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: A construção do Feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846.** Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

GONÇALVES, Mariana Couto. O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. **Anais. XXVII Simpósio Nacional de História Conhecimento histórico e diálogo social.** Natal, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244\\_ARQUIVO\\_artigoanpuh\\_versaofinal\\_.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_versaofinal_.pdf)>. Acesso em: fevereiro de 2023.

JORGE, Sebastião. **Política movida a paixão: O jornalismo polêmico de Odorico Mendes.** São Luís: UFMA, 2000.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO. São Luís: Tipografia Maranhense. 1845.

JORNAL PARA TODOS. Maranhão: Tipografia do Paiz, 1877.

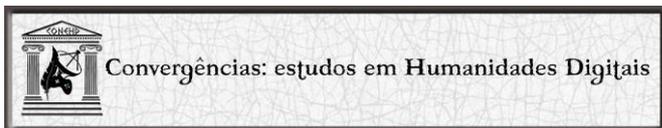
LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Trad: Luiza Sallera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. *In:* LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Atenienses e Fluminenses: a invenção do cânone nacional.** 2009 Tese (Doutorado em História) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2009.



MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUSEO MARANHENSE. Maranhão: Tipografia Monárquica Constitucional de F de S N Cascaes, 1842.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelêneas**. O folhetim nos jornais de Mato Grosso: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

O ARCHIVO. Maranhão: Tipografia Maranhense, 1846.

O CHRYSÁLIDA: publicação mensal – redação de meninas. Caxias: Tipografia do Comércio de Caxias, 1884.

O DOMINGO: SEMANÁRIO CRÍTICO E LITERÁRIO. Maranhão: Tipografia do Paiz, 1872 – 1874.

O ECHO. Maranhão, 1884 – 1886.

O ESTUDANTE; Maranhão: Tipografia de A. P. Ramos d'Almeida, 1870.

O JARDIM DAS MARANHENSES. São Luís: Tipografia do Comércio, 1861 – 1862.

O PIAGA. Maranhão: Tipografia do Federalista, 1898 – 1899.

O RAMALHETE. Maranhão: Tipografia do Comércio, 1863 – 1864.

O SORRISO. Maranhão: Tipografia da Pacotilha, 1885.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. O jornal, o leitor e a leitura no Oitocentos brasileiro. **Labirintos**: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses, n.8. Bahia: UEFS, 2010.

PORTO LIVRE. São Luís: Tipografia do Comércio, 1862.

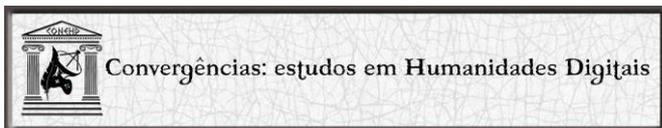
RECREIO DOS MARANHENSES. São Luís: Tipografia Monárquica Constitucional, 1839.

REVISTA JUVENIL. Maranhão: Tipografia do Paiz, 1876 – 1877.

RODRIGUES, Dayanny. Escritos de e para as mulheres no século XIX: O conceito de emancipação e a representação feminina no Jornal das Senhoras. **Revista Outras Fronteiras**. Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, 2017.

SANTOS, Carla Sampaio dos. **A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SEMAMÁRIO MARANHENSE. São Luís: Tipografia B de Mattos, 1867.



SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo A Imprensa no Maranhão.** (1820-1880). Rio de Janeiro. 1883.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Antônia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista.** Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2017.

SOUZA, Natália Lopes de. **Uma senhora maranhense que cultiva as belas letras: Maria Firmina dos Reis e sua trajetória na imprensa (1860 – 1911).** Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

VIEIRA, Martha Victor. História, literatura e circulação das ideias antiescravistas de Joaquim Manuel de Macedo. *In:* BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina; et al. **Cultura escrita e circulação de impressos no oitocentos.** 1ed. São Paulo, Alameda, 2016.

VINTE E OITO DE JULHO. Maranhão: Impresso por Jesuino J. C. M. de Sá, 1870 – 1892.